

A PUBLICAÇÃO DE POESIA LÍRICA NA GAZETA DE NOTÍCIAS (1890-1900)

Camila Soares LÓPEZ

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

cslopez_unesp@yahoo.com.br

Resumo: A *Gazeta de Notícias* foi jornal de significativa circulação na segunda metade do século XIX. Fundado em 1875, o periódico contou com colaboradores que obtiveram reconhecimento em seu tempo, a exemplo de Machado de Assis. Publicou textos de gêneros diversos: contos, crônicas e poesia – deste último, destaca-se a divulgação, entre os anos de 1890 e 1900, de cerca de mil poemas. Neste texto, apresentamos a contribuição dada pela *Gazeta* à publicação de versos e estrofes. Consideramos os preceitos formais empregados pelos autores desses poemas e analisamos o posicionamento do periódico frente à estética simbolista - no que tange o momento parnasiano-simbolista, o jornal cedeu espaço a textos críticos que versavam sobre autores e obras de ambas as vertentes. Apresentamos a produção de poetas ditos menores, que, na maioria das vezes, permanecem esquecidos pelos estudos literários, mas que corroboraram o estabelecimento do cenário literário, no tocante aos princípios de versificação e às ideias difundidas nesse decênio. Por fim, consideramos os poemas de circunstância; tais textos possuíam caráter elogioso e representavam a produção poética de indivíduos comuns, que se viam às voltas com as regras estabelecidas pelo Parnasianismo, bem como com os fatos que marcaram a década.

Palavras-chave: *Gazeta de Notícias*; Poesia; Parnasianismo; Simbolismo.

1. A poesia lírica na *Gazeta de Notícias* (1890-1900)

No século XIX brasileiro, a literatura ganhou a predileção de homens e mulheres que tinham acesso à instrução e à leitura. E é de nosso conhecimento que, naquela época, o texto literário encontrou no jornal sua via de divulgação. Nos anos de 1800, publicar livros era trabalho para poucos, dada a precariedade das atividades editoriais no país e o alto custo que geravam. Por meio dos periódicos, e com o reconhecimento do ofício de jornalista, o correr da pena passou a ser uma ocupação em expansão, além de exercício financeiramente viável, o que foi um imperativo também no início do século XX.

Folhas como o *Jornal do Comércio* ofereciam remuneração digna aos seus colaboradores; Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque, por exemplo, recebiam ordenados

mensais, e uma atividade pouco estimada pelos escritores da geração de 1870 tornou-se *métier* regular, “que lhes propiciava uma renda suplementar cada vez mais indispensável”.¹ Assim, periódicos ganharam vez junto aos homens de Letras e, conseqüentemente, junto ao público leitor. Nesse cenário, a *Gazeta de Notícias* se destacou.

A *Gazeta* foi fundada em 1875 por Ferreira de Araújo, que se consolidou no cargo de redator-chefe desse jornal até 1900, ano de seu falecimento. Notas sobre Ferreira de Araújo apareciam mesmo em jornais portugueses, o que indica a sua importância. A folha era vendida, no início de 1890, a um preço módico para os padrões da época (40 réis) e mantinha, ainda, o sistema de aquisição por assinaturas. Ficou conhecida, igualmente, por ceder espaço à literatura de forma significativa. Para os literatos da época, ocupar o posto de colaborador da *Gazeta de Notícias* era uma honra: este é o caso de Bilac, quando o poeta expôs a sua satisfação, em 1884, ao ver, ainda moço, um poema de sua autoria publicado:

O jovem Bilac revelava conhecer o meio intelectual do Rio de Janeiro ao aspirar a um emprego no jornal de Ferreira de Araújo, que consagrava e popularizava seus colaboradores literários, autores do porte de um Machado de Assis e de um Eça de Queiroz. Por outro lado, a *Gazeta* via seu prestígio e sua credibilidade engrandecidos por esses nomes respeitados e admirados. Sendo assim, Bilac precisou adquirir certa notoriedade para ser aceito como colaborador regular. Sua participação na *Gazeta* foi gradualmente aumentando em volume e importância. Para o jovem poeta de dezoito anos, ver um de seus poemas, “Nero”, estampados no jornal mais popular do Rio de Janeiro foi uma glória incomparável.²

Coelho Neto, Capistrano de Abreu e Machado de Assis foram alguns dos então renomados colaboradores da *Gazeta*. Havia, ainda, os “colaboradores gratuitos”, ditos “amigos da casa”, que, mesmo sem remuneração, sentiam-se satisfeitos com o fato de figurarem em suas páginas.

Além de crônicas e folhetins, o jornal cedeu espaço à poesia. Entre os anos de 1890 e 1900, foram publicados mais de 1.000 poemas, de temas variados – amor, sofrimento, política, entre outros. E tais escritos podem ser considerados relevantes, haja vista terem sido divulgados pela *Gazeta*, que circulou entre aqueles que tinham acesso à matéria informativa e literária, e que, provavelmente, apregoavam opiniões e conceitos sobre a literatura, em um século em que esta alimentava diversos periódicos e muitas almas. E, de modo geral, esses poemas eram estampados entre a primeira e a terceira página, o que ressalta a importância

¹ MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República velha* (estudo clínico dos anatolianos). São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 342.

² SIMÕES JR, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso*. Estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. São Paulo: Editora UNESP, 2007a. p. 122

dada ao gênero poético. A análise desses versos e estrofes nos mostrou quais eram os poetas e os preceitos formais apreciados; ofereceu-nos subsídio para melhor avaliação do embate parnasiano-simbolista no Brasil; e revelou-nos os curiosos – e divertidos, por que não? – poemas de circunstância. Tudo isso regado a uma série de “francesismos”, resultados da “parisina”, tão em voga naqueles anos – eram diversos os textos, anúncios e referências em francês nas páginas da *Gazeta de Notícias*.

A começar pelos aspectos formais, grande parte desses poemas era exemplo do que se via como “bem versejar”, o que era uma tendência daqueles anos. Muitos poetas, nas segundas edições de seus livros, modificaram algumas de suas composições, a fim de se adequarem à correção métrica e gramatical. Sob o pseudônimo de J. dos Santos, Medeiros e Albuquerque, em sua coluna “Crônica Literária”, publicada no vespertino *A Notícia*, distribuiu críticas aos que não se adequavam às ditas normas do bem fazer poético. Em crônica publicada em 11 de fevereiro de 1898, discorreu sobre o fato de Marcos de Castro, em seus *Versos proibidos*, ter lançado mão de octásticos:

O livro [*Versos proibidos*] é muito desigual. A par de poesias onde se sente a ciência métrica do autor, há versos francamente errados e outros enfim muito desgraciosos.

É possível, entretanto, que estes últimos tenham principalmente por causa da tendência do poeta a procurar ritmos novos. Nesse caso, o que a mim me parece desgracioso, pela minha longa educação, por assim dizer *profissional*, pareceria talvez a qualquer leitor sem os meus preconceitos como muito agradável. A maioria das poesias está composta em versos de 9 e de 8 sílabas, ora simples, ora combinados.

Há talvez aí um efeito da deplorável influência que *Os Simples* de Guerra Junqueiro exerceram sobre muitos escritores. O certo é que data mais ou menos desse livro infinitamente pífio a ressurreição do verso de 8 sílabas.³

Ao analisarmos as estrofes dessas composições, deparamo-nos com 409 poemas que apresentam quadras em suas respectivas formas, sejam compostos apenas de quartetos ou constituídos por estrofes de quatro versos em combinação com outros de diferentes extensões. Quanto às formas fixas, evidenciou-se a preferência pelo soneto: 501 dos 1.100 títulos divulgados pela *Gazeta* apresentam essa disposição,⁴ o que corresponde a quase metade da soma total.

No tocante às sílabas métricas, verificou-se a maior incidência de versos decassílabos: 616 poemas são compostos exclusivamente ou apresentam decassílabos em suas estruturas, o que corresponde a quase 56% do total. A primazia do decassílabo pode ser

³ SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 11 de fev. de 1898. p. 2. 1. col.

⁴ Na *Gazeta*, o soneto aparece apenas em sua versão petrarquiana. Não há registro de soneto inglês ou de soneto spenseriano.

creditada ao seu largo emprego desde o Classicismo. Para o já mencionado Bilac, o decassílabo era o “(...) verso mais belo da língua portuguesa, presta-se à expressão de todas as ideias, e é suscetível da maior variedade”.⁵ Curiosamente, os alexandrinos não apareciam com tanta assiduidade, talvez por conta da dificuldade em sua elaboração. O verso alexandrino era considerado perfeito se se apresentasse como junção de dois versos de seis sílabas métricas, o que era indicado pelo acento na sexta sílaba. Para Olavo Bilac e Guimarães Passos, esta era uma regra essencial, que devia ser ensinada aos poetas principiantes, e aqueles que não a seguiam eram apontados como compositores de um “alexandrino errado”.⁶

Logo, todo esse “rigor” nos leva a crer que os poetas da *Gazeta de Notícias* refletiram a voga parnasiana que vigorou no período. Vale ressaltar que a designação de “parnasianos” aos poetas brasileiros se deu a partir de 1886, com a publicação da segunda edição de *Sonetos e rimas*, de Luís Guimarães, e do prefácio de Fialho de Almeida, que classificou Guimarães como parnasiano. Manuel Bandeira também apresentou sua perspectiva sobre esse momento:

[...] a data de 86 marca, com a publicação de *Sonetos e poemas*, de Alberto de Oliveira, a cristalização do movimento anti-romântico em moldes chamados parnasianos porque os seus orientadores vitoriosos se reclamavam dos parnasianos franceses. Até então não se falava de parnasianismo: falava-se sempre e muito era de “realismo”, “Nova Ideia”, “ciência”, “poesia social”.⁷

Podemos afirmar que a *Gazeta* constituiu um pequeno reduto parnasiano. E a tríade mais conhecida do Parnaso era assídua em suas páginas: Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira – este último “apadrinhado” por Machado de Assis – eram aclamados pelos leitores, se considerarmos sua participação na *Gazeta de Notícias*. Aliás, não se pode deixar de examinar o papel deste último na difusão de alguns dos princípios que remetem aos parnasianos. Machado foi defensor da economia e da sobriedade das imagens, da precisão vocabular e a da correção métrica e gramatical. Foi, ele mesmo, influenciado pelo *Tratado de metrificação portuguesa* (1891), de Antonio Feliciano de Castilho. Em 1879, publicou o texto “A nova geração”, no qual discorreu sobre os poetas de seu tempo e sobre a derrocada do pensamento subjetivo e romântico, além de exaltar o verso alexandrino. Nesse mesmo texto, o criador das personagens Quincas Borba e Brás Cubas evidencia a qualidade dos versos de

⁵ BILAC, Olavo, PASSOS, Guimarães. *Tratado de versificação: A poesia no Brasil – A métrica – Gêneros literários*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1944. p. 5

⁶ Idem, ibidem, p. 68.

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938. p. 8

Alberto de Oliveira. Além disso, foi conselheiro de Alberto de Oliveira; prefaciou o livro de versos *Meridionais* (1883), considerando-o um compêndio das mais notáveis composições desse poeta e que constitui reflexo do que seria o Parnasianismo brasileiro.

E essa afinidade com o Parnasianismo não era gratuita: nos primeiros anos da República, de pano de fundo positivista, parecia necessário encontrar uma via de discurso que se aproximasse da clareza, mas que não deixasse de lado a correção ortográfica e gramatical. Era como se a expressão escrita precisasse corresponder aos anseios de progresso, que deixavam para trás os tempos da Monarquia e o pensamento romântico. É relevante salientar que os próprios colaboradores da *Gazeta*, em sua maioria, eram republicanos e a favor do avanço. Alguns deles escreviam versos sob os ditames do Parnasianismo, como Pedro Rabelo e Coelho Neto; e Capistrano de Abreu destacou-se pela base positivista de sua concepção de crítica literária, por exemplo. Estes dados nos indicam que a linha editorial da *Gazeta de Notícias* estava inserida em um campo de ideias que pode ter cooperado para a escolha dos textos por ela divulgados, o que nos leva a pensar que um editor ou redator que se aproximava de um reduto realista-naturalista, ou parnasiano, ou positivista, não aceitaria de bom grado a produção de literatos que ousavam corromper as barreiras dessas estéticas e ideais.

E o Parnaso da *Gazeta* foi além do cânone: versos de autores que são pouco lembrados em nossos dias tornaram-se conhecidos e foram estimados. A presença de suas obras nas páginas do jornal sugere o crédito que possuíam junto a essa publicação, ou mesmo as relações de influência que nutriam com Ferreira de Araújo e outros. Este é o caso de Magalhães de Azeredo (pupilo de Machado de Assis, com quem manteve vasta correspondência), Pedro Malazarte (pseudônimo de Antonio José Soares de Sousa Junior) e Elvira Gama. Além disso, o jornal teve como colaborador assíduo o poeta Bernardino da Costa Lopes, que não se enquadrava nesse rol parnasiano, mas que foi prestigiado em seu tempo e, contudo, deixado de lado pela crítica dos anos subsequentes. B. Lopes, como era conhecido, foi aquele que mais publicou versos na *Gazeta de Notícias*, iniciando a sua colaboração em 1893 e mantendo-a até 1899. No ano de 1894, foi-lhe oferecida a coluna “Rimas”, na qual divulgava seus poemas, usualmente dedicados a figuras ilustres daqueles anos, e que eram acompanhados da reprodução fac-similar de sua assinatura, ao molde do que era feito em seus livros.

Portanto, podemos inferir que incursões poéticas que propusessem novos temas e formas de versejar não ganharam vez naqueles tempos de expressão parnasiana. Foi este o caso do Simbolismo. Ainda que semelhantes no que tange o aspecto formal – o Simbolismo brasileiro não foi tão “contestador” do *status quo* poético quanto o francês, – o movimento

simbolista não foi aclimatado como o Parnasianismo, apesar de ambos serem de origem francesa, e de o Simbolismo ter tido maior aceitação na França. Consideramos alguns motivos para tal “recusa”: os poetas simbolistas teriam proposto uma linguagem dita *nova*, baseada na sintaxe “psicológica”, e que foi apontada como não-representativa. Sua temática, além disso, era pouco próxima do cotidiano brasileiro: neve, princesas, cenas medievais, entre outros. E, nos anos de 1890, deu-se importância à oratória civil, aos estudos históricos e à gramática, o que se refletiu na crítica literária, marcada pelo nacionalismo, pelo civismo, pelo nativismo e pelo patriotismo.

A *Gazeta de Notícias* refletiu essa tendência, na medida em que divulgou poucos poemas de autoria daqueles que se declaravam simbolistas ou que flertavam com essa poesia *nova*. Ruy Castro também elenca momentos dessa disputa que, por fim, traduziu uma luta do “novo” contra o “antigo”. Uma disputa que não foi apenas literária, mas que significou a recusa a tantas estruturas ossificadas que permeavam aqueles anos. Castro afirma que, se pudessem, os simbolistas teriam enforcado Olavo Bilac nas “tripas de Coelho Neto”.⁸

Da *Gazeta*, constam apenas dois poemas de Cruz e Sousa, reconhecido como figura importante do Simbolismo brasileiro – diferentemente de Alphonsus de Guimaraens, que teve 14 poemas publicados, mas que era amigo de Bilac; outros simbolistas “menores”, como Julio Salusse, publicaram, mas nunca alcançaram a expressão de um parnasiano. Além desse ostracismo, eram dedicadas sátiras aos chamados “nefelibatas”. No que concerne ao movimento simbolista e ao Decadentismo, a *Gazeta* divulgou, em 18 de setembro de 1896, o poema satírico “O sono dele”,⁹ assinado por Fantásio, pseudônimo de Olavo Bilac, e que saiu n’*O Filhote*. Nesses versos, ironiza-se o Simbolismo. Em 14 de dezembro de 1898, ganhou vez o poema “Nefelibatadas”, de autoria do pseudônimo Juvenal e que alude ao termo “nefelibata”, visto que os simbolistas eram acusados de viverem “nas nuvens”. O poema escarnece do modo de vida dos poetas *novos*, apresentando em suas estrofes o Fileto, que se entende ser um protótipo de decadente, isto é, um ser que desprezava as multidões e se mantinha em constante estado de moléstia. Para Cruz e Sousa, foram “dedicados” os poemas “Chorar”, de Pedro Malazarte (1891), e “Na Costa d’África” (1893), que foi assinado pelo pseudônimo Sousa e Cruz – e este apelido, curiosamente, foi dado a Cruz e Sousa em Santa Catarina. Nessas estrofes, que são paródia do poema “Dança do ventre”, de Cruz e Sousa, há o caráter pejorativo atribuído à produção poética do catarinense e, também, às suas raízes

⁸ CASTRO, Ruy. Faltou carnaval no Modernismo. In: _____. *O leitor apaixonado: Prazeres à luz do abajur*. Organização de Heloisa Seixas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 23.

⁹ FANTÁSIO. O sono dele. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 set. 1896. p.1. 6.col

africanas. Há, ainda, um texto de Magalhães de Azeredo, de 1893, intitulado “O Missal”, que deprecia a obra e a pessoa de Cruz e Sousa:

Sabe o que eu faria, se fosse o Sr. Cruz e Souza? Durante dois anos, pelo menos, não publicava nada; guardava o que escrevesse para julgar o meu trabalho como se julga o vinho: depois de velho.

O Sr. Cruz e Souza rirá da minha pretensão e chamar-me-á, quem sabe? imbecil – atirando-me ao rosto aquela objurgatória:

“E faz (fáze, devia ser), igualmente, Sultão dos espaços, que os argumentos duros, broncos, tortos, não sejam arremessados à larga contra o meu cérebro com incisivas pedradas fortes.” (Pág. 6. Oração ao Sol).

Pois olhe; o conselho era bom.

Infelizmente vem tarde, Sr. Cruz e Souza; já não está em sua mão segui-lo.¹⁰

Cruz e Sousa só voltou a ser lembrado de maneira positiva pela *Gazeta* quando de seu falecimento; na ocasião, o periódico divulgou a seguinte nota:

Não são assim as nossas letras tão ricas em homens trabalhadores e conscienciosos, que seja um luto somenos a morte de um artista das letras, como aquele cujo nome damos entre duas tarjas negras.

Cruz e Sousa, nós todos o conhecemos muito; nós todos o víamos, diariamente, sempre entregue à faina diária de prestigiar a literatura nacional, cujo tesouro enriqueceu com o seu *Missal*, um delicioso trabalho que incontestavelmente tem o seu lugar de honra.

Era muito modesto o simpático rapaz, tão cedo roubado ao nosso labutar incompensado pela criação de uma vida literária no Brasil. [...].¹¹

De acordo com o Nestor Vítor, crítico contemporâneo e amigo de Cruz e Sousa, a rejeição ao Dante Negro ocorreu não apenas por conta da filiação do poeta ao Simbolismo. Assim como aquilo que foi apregoado por Roger Bastide no século XX, Nestor Vítor menciona a cor da pele de Cruz e Sousa como fator condicionante da análise de sua obra nos últimos anos do XIX, censurando tal postura. Vê-se que o “não lugar” de Cruz e Sousa na *Gazeta* se deveu a uma série de aspectos: tratou-se de um poeta negro inserido em uma sociedade que mantinha resquícios do pensamento escravagista; não obteve a simpatia dos grupos literários dominantes; e não contribuiu para jornais de renome.

Finalmente, consideramos os poemas de circunstância. A *Gazeta* divulgou 255 poemas de tal categoria, e eram esses versos produzidos em um momento em que o apadrinhamento e a proteção eram alvos de muitos. No Brasil do século XIX, as oportunidades dos indivíduos dependiam da posição e status financeiro de sua família, em âmbito local e mesmo internacional. E, para tanto, usava-se a poesia como arma de conquista.

¹⁰ AZEREDO, Magalhães de. O Missal. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 set. 1893. p.1-2. 1.col.

¹¹ GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, 20 mar. 1898. p. 1. 4. col.

Assinados por pessoas comuns eram, aos trancos e barrancos, seguidores dos paradigmas parnasianos.

Foram muitos os versos que louvaram feitos republicanos, que lamentaram a morte de pessoas ilustres, ou que eram, simplesmente, bajuladores. Além da vida literária, os poemas de circunstância chegavam aos palcos dos teatros cariocas. Rose Méryss e Aurélia Delorme, ambas atrizes e celebridades de operetas, e Guilherme da Silveira, empresário do teatro *Variedades*, também foram enaltecidos por autores que publicaram na *Gazeta*. Deve-se considerar que, no século XIX, o teatro era popular, na medida em que necessitava de espectadores para sobreviver. O incentivo para que o público prestigiasse os espetáculos refletia-se no preço baixo e no sorteio de ingressos, além das bonificações e do próprio estímulo da imprensa, que costumeiramente versava sobre as peças que estavam em cartaz. Portanto, era comum que atores, atrizes e empresários fossem reconhecidos e admirados por muitos.

E mesmo a *Gazeta* foi adulada. Pedro Malazarte, em 2 de agosto de 1890, aclamou-a por seu aniversário. Afinal, se a folha cedia espaço para publicações de caráter diverso, era preciso reconhecer o papel por ela representado na divulgação do texto literário. Malazarte antropomorfizou a *Gazeta*, dando-lhe, ainda, os sobrenomes de Ferreira de Araújo e de Elísio Mendes; o poeta curvou-se diante do periódico que era, antes de tudo, seu empregador.

Dona *Gazeta* de Araújo Mendes,
Portento dos portentos,
Aqui me vês curvado, e certo entendes
Que entre mil cumprimentos,

Cá deito o meu, em tosca e fraca rima,
Porém com muito ardor,
Por ti, por ti, que na elegância primas,
Gazeta, minha flor!

Por esse aniversário que hoje contas,
Tu que és cuidados nossos,
E que vais na pontíssima das pontas,¹²
Aperta-me estes ossos!¹³

Em suma, a *Gazeta de Notícias* foi um periódico de expressão em seu tempo. Assim, informação e texto literário acediam às vidas e às casas do então público leitor, disseminando versos, rimas e embates.

¹² Na época, “estar na ponta” significava vestir-se no rigor da última moda.

¹³ MALAZARTE, Pedro. Aperta-me estes ossos! *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 ag. 1890. p.1, 6.col.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos anos de 1890, a poesia brasileira obteve destaque em um jornal de grande circulação: a *Gazeta de Notícias*. O gênero manteve-se presente nesse periódico por toda uma década. Além disso, tal folha participou como ferramenta de divulgação de versos que ainda hoje se fazem presentes em nossas antologias, bem como participou como espaço de divulgação, ainda que poucas vezes amistosa, da estética simbolista.

Percorrer as páginas da *Gazeta* é atividade que possibilita avaliar os preceitos poéticos disseminados em um período e, também, compreender as características do cenário literário do final do século XIX. Junto à métrica, à rima e à forma fixa, conviveram agrupamentos literários que, de certa forma, atribuíram contornos a uma geração. Parnasianismo e Simbolismo aportaram no Brasil da época, disseminando preceitos, provocando conflitos e prepararam, de certo modo, o terreno para as propostas da poesia do século XX, seja ela na recusa ou adesão dessas estéticas.

A década de 1890 foi aquela da rejeição a Cruz e Sousa, que não se enquadrou na cena contemporânea, tendo para si as portas fechadas, seja de uma crítica favorável ou a dos jornais. Alphonsus de Guimaraens foi mais bem acolhido pela *Gazeta*, sem, contudo, alcançar a mesma expressão dos colaboradores que se aproximavam do Parnasianismo.

Por fim, consideramos que a *Gazeta* deu vez às estrofes de indivíduos comuns que entreviam na poesia uma via de expressão de sentimentos e obtenção de favorecimentos. No Brasil dos “apadrinhamentos”, era necessário inserir-se em um meio de boas possibilidades, bem como obter a simpatia daqueles que as ofertavam. Vê-se, ainda, que a grandiosidade do gênero poético não saltava aos olhos daqueles que possuíam intimidade com o correr da pena, mas, igualmente, dos que não se fazem presentes em nossos compêndios, mas foram peças de edificação da construção de um espaço amplamente literário da então Capital Federal – o Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Periódico

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1890-1900. Cotidiano.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República velha* (estudo clínico dos anatolianos). São Paulo: Perspectiva, 1977.

SIMÕES JR, Alvaro Santos. *A sátira do Parnaso*. Estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.

SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 11 de fev. de 1898. p. 2. 1. col.

BILAC, Olavo, PASSOS, Guimarães. *Tratado de versificação: A poesia no Brasil – A métrica – Gêneros literários*). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1944.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938.

CASTRO, Ruy. Faltou carnaval no Modernismo. In: _____. *O leitor apaixonado: Prazeres à luz do abajur*. Organização de Heloisa Seixas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FANTÁSIO. O sono dele. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 set. 1896. p.1. 6.col

MALAZARTE, Pedro. Aperta-me estes ossos! *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 ag. 1890. p.1, 6.col.